



# “Outra História de Amor”

LOUDON WAINWRIGHT

**B**EM NO MEIO de um fim-de-semana longo no Ano Novo, cheio de sol sobre a neve linda, nosso cachorro morreu. Mais precisamente, mandamos que sua vida fôsse extinta por um veterinário que concordou que aquilo era o que se devia fazer por um animal velho que padecia de um mal tão

doloroso e incurável. Nunca tive uma noção tão clara da tênue linha entre agora e nunca mais quanto tive ao segurá-lo naquela mesa do veterinário.

Um tanto perturbado por meus sentimentos, e por alguma estranha razão pensando não em *Lassie*, mas em *Love Story*, vou arriscar uma ver-

são da pergunta que abre o romance de Erich Segal: que se pode dizer de um cachorro de 11 anos e meio que morreu? Que ele não era nada inteligente. Que sujava tudo quando comia. Que reluzia quando corria a velocidades maravilhosas pelos campos, rolava rosnando pela neve e saltava sobre muros de pedra, uma mancha viva cor de castanha. Que não ligava muito para Mozart e Bach, mas que os solos de violino e de acordeão o faziam uivar. Que quebrava seis copos com uma rabanada. Que, quando eu lhe perguntava que lugar eu ocupava entre as pessoas de quem ele gostava, ele batia o rabo no chão e sorria.

Havia uma qualidade totalmente não humana no seu amor. Quase todo mundo era um alvo aceitável para o seu afeto e, ao contrário desses animais de um só dono, que lambem a mão do dono e logo esquartejam o filho do vizinho, ele não ameaçava nada.

Não que ele não soubesse escolher. Ele era meio setter irlandês e meio cão de busca dourado e não era nenhum vagabundo. Não acompanhava estranhos. Suas investigações diárias, embora cobrissem grandes extensões, quase sempre o traziam de volta a casa, à noite. Gostava de dormir nos tapetes, geralmente onde era provável que a gente tropeçasse nele. Gostava de andar de automóvel. Mais que tudo, gostava de ser convidado para passeios a pé e trabalhava como um guia avançado em volta do caminhante—na frente,

atrás, ao lado, às vezes numa corrida louca a boa distância—e no inverno, quando descansava de uma dessas admiráveis arrancadas em todas as direções, quebrava o gelo num riacho para refrescar a barriga e a língua.

Em quase todos os estados de espírito menos a alegria, ele era de uma tranquilidade exemplar. Uma paciência calma, de olho arregalado, caracterizava seu estilo. Com os outros cães ele era alerta e atirado, mas não agressivo, e, embora seu pêlo se eriçasse maravilhosamente e ele rosnasse bem, quando desafiado, tinha uma aptidão notável para evitar lutas e sabia escapar de uma briga com uma displicência que sugeria que aquilo não valeria a pena. No fim da vida, ele foi maltratado por um cachorro muito mais jovem e mais forte, na mesma rua, mas aceitava aquela indignidade como se fosse normal que o cachorrinho que ele antes tinha ensinado a brincar agora abusasse dele. Mesmo quando ficou bem fraco e velho, sempre saía correndo para defender seu território.

Espero que ele tenha tido uma vida sexual cheia e feliz, mas só sei de um caso seu, quando ele foi pai de uma ninhada. Contamos uma história a respeito dessa ligação arranjada (não sei mais ao certo se é inteiramente verdade): John Henry foi levado de carro ao veterinário para um encontro supervisionado. Depois o veterinário disse que ele tinha certeza de que tudo dera cer-

to, mas que talvez, para garantia, os dois devessem ser reunidos novamente. Então, no dia seguinte, nosso cachorro foi pôsto no carro e conduzido a seu encontro, que foi novamente considerado bem sucedido. O caso foi declarado consumado e encerrado. O cachorro voltou para casa. No dia seguinte, foi encontrado no carro, provavelmente aguardando outra viagem e outro encontro.

Ao contrário do personagem condenado de Segal, êle não era perfeito. De vez em quando seu gôsto em matéria de comida voltava-se para o lixo e êle derrubava latas, em busca dos melhores bocados. Cavava buracos nos gramados e gostava de deitar-se sôbre plantinhas novas. Era um descobridor de lama. Quando encontrava alguma coisa—muitas vêzes invisível e até inexistente—para a qual latir, latia alto e ignorava completamente as ordens de parar e voltar para casa. Orgulho-me de uma parte de sua ignorância. Não sabia truque algum, a

não ser uma espécie de apêrto de pata meio desenxabido que êle usava como último recurso em sua busca perpétua e animada de carinho.

Nos últimos dias êle tinha grande dificuldade em levantar-se. A dor, mesmo disfarçada por comprimidos, deixava-o estúpido de exaustão e tornou-se claro, apesar de tôda a nossa relutância, que o que êle precisava mais era de um empurrão para fora da vida.

Na noite depois que aquilo aconteceu, sonhei que meu filho o estava chamando. O menino tinha um jeito de chamar o cachorro. Acordei. A vida acabava sendo uma sucessão de cachorros, pensei, e pensei naqueles de que me lembrava. De repente, fantasmas na casa. Cachorros velhos. Dormi e quando acordei de nôvo, à meia-luz mortíça, tive quase certeza de ouvir unhas arranhando o chão da sala e seu latido discreto indicando que queria sair. Não hei de viver com muitos outros cães, e jamais hei de viver com outro cão como êle.



HOJE EM DIA a única ocasião em que os homens viram a outra face é para o barbeiro fazer a costeleta (S.F.) ... A poluição da água chegou a tal ponto que a última vez que a maré baixou, voltou enjoada ("Tonight Show", NBC) ... As árvores genealógicas também precisam de constante dedetização (J.C.P.)

ENTRE MULHERES: "Suas fofocas são tão interessantes que eu gostaria que ela falasse mais sôbre pessoas que eu conheço." (K.O.) ... Mulher ao marido: "Quando era mais jovem eu queria reformar o mundo. Hoje eu me contentaria em reformar você." (W.S.)